

PAISAGEM DO CEMITÉRIO DAS CRUZES: ESPAÇO PARA OS MORTOS, LUGAR PARA OS VIVOS

LANDSCAPE OF CRUZES CEMETERY: SPACE FOR THE DEAD, PLACE FOR THE LIVING

Patricia de Oliveira ¹

Luciene Cristina Risso ²

Resumo: Aqui pretendemos compreender, através da interdisciplinaridade, a paisagem do Cemitério das Cruzes, localizado em Araraquara-SP. Através de uma análise histórica, sociológica, arqueológica e geográfica, do local do santuário, apresentamos suas transformações e intencionalidades que, de alguma forma, expressam as disputas ideológicas, bem como suas características místicas guardadas na memória da população. O local onde hoje é o Cemitério das Cruzes, foi de importância estratégica para diversos acontecimentos da cidade: enterramentos daqueles que morreram de doenças contagiosas; enterramento de pessoas escravizadas; sepultamento de Rosendo e Manoel Brito e; na atualidade, é um importante local de manifestação da fé da população. Contudo, todas essas transformações apresentam um contexto social, político, econômico e cultural da cidade. Assim, conhecer esse contexto é o que nos interessa neste artigo, visando compreender a Paisagem do cemitério enquanto Espaço e/ou Lugar e suas transformações ao longo do tempo. **Palavras-chaves:** Cemitério das Cruzes, Paisagem; fé popular.

Abstract: Here we aim to comprehend, through interdisciplinary approaches, the landscape of Cemitério das Cruzes (Cemetery of the Crosses), located in Araraquara-SP. Through historical, sociological, archaeological, and geographical analyses of the sanctuary's site, we present its transformations and intentionalities that, in some way, express ideological disputes, as well as the mystical characteristics preserved in the population's memory. The area that now encompasses Cemitério das Cruzes held strategic importance in various events in the city's history: burials of those who had died from contagious diseases, interment of enslaved individuals, the burial of Rosendo and Manoel Brito, and presently serves as a significant site for the manifestation of the population's faith. However, all of these transformations are embedded within the social, political, economic, and cultural context of the city. Understanding this context is crucial to comprehend the cemetery's landscape as a space and/or place, as well as its transformations over time. **Keywords:** Cemitério das Cruzes, Landscape; population's faith.

¹ Mestranda em Arqueologia no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque - Univasf). E-mail: pati.oliv@hotmail.com

² Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: Luciene.risso@unesp.br

Montando o quebra-cabeças da paisagem do Cemitério das Cruzes

A região que hoje conhecemos como Cemitério das Cruzes, localizada em Araraquara – SP, já teve muitas funções, sendo as relatadas aqui ligadas à questão dos enterramentos. Também já ganhou diversos nomes: catinga, além Ribeirão das Cruzes, charneca, cemitério dos contagiados, cemitério dos bexiguentos, cemitério dos Brito, Cemitério das Cruzes, cemitério dos indigentes, subida dos Britos etc. Todas as denominações foram levantadas a partir das bibliografias ou do cotidiano de quem vive em Araraquara. São, ao menos, uma dezena de formas para se referir ao local, de modo que as naturezas de tais termos são instigantes suficientemente para ser problematizada em pesquisas.

Pois então, pretendemos aqui averiguar através das fontes bibliográficas, materiais e imateriais, as diversas paisagens que se constituíram no local ao longo dos anos. Para isso, iremos dividir as informações que temos dessa paisagem em três tempos diferentes. O primeiro tempo se caracteriza pela sua forma natural e, com notável espanto nosso, as qualificações daquele local para os araraquarenses da década de 90 do século XIX. O segundo tempo é marcado pela grande quantidade de enterramentos oriundos da epidemia de febre amarela e pelo vergonhoso crime contra os Brito - o suposto linchamento. Nesse período, é expressiva a disputa ideológica que usou o espaço como ferramenta de articulação de seus ideais e punição. O terceiro período foi marcado pelas práticas religiosas, já que a população, em protesto e por identificação no sofrimento, acolheu os Brito como milagreiros. Em um segundo momento, apresentamos aqui as interpretações sobre as dinâmicas espaciais da área através dos conceitos de Paisagem, Espaço e Lugar, sendo a Arqueologia, a ciência responsável por essa interpretação de um passado não tão distante.

Cemitério das Cruzes antes de 1895

Araraquara é uma cidade do interior do Estado de São Paulo, segundo o IBGE (2022) tem um total de 242.228 habitantes, suas atividades econômicas concentram-se no setor secundário em termos quantitativos. Em seus 205 anos, a cidade passou por diversas fases econômicas a nível nacional, tendo importante participação no ciclo do café, com suas terras para a produção do grão e como ponto estratégico de ferrovias para escoamento do produto. Muitas foram as dinâmicas espaciais que se constituíram aqui. De modo geral, a paisagem se alterou conforme o

passar do tempo, seguindo as tendências urbanísticas de crescimento e arquitetura. No entanto, o que nos interessa é uma paisagem específica da cidade. Trata-se de uma paisagem que reflete as práticas culturais, políticas e econômicas da cidade em diversos períodos, fazendo um recorte específico do século XIX até os dias de hoje.

A paisagem que observamos é a do Cemitério das Cruzes, e para entender sua origem, faz-se necessário voltarmos alguns anos atrás. O Brasil passava por epidemias, a de varíola que teve seu ápice em Araraquara nos anos de 1892 e 1893, como podemos ler em Telarolli:

Já no início da década de 1890, houvera uma epidemia de varíola, doença (contraída através de um vírus) popularmente chamada de bexiga, [...]. Também os portadores de varíola eram internados num isolamento e os mortos enterrados num lugar bem distante, cerca de 5 quilômetros a oeste da região urbana, onde atualmente é o cemitério das Cruzes [...] (Telarolli, 2003, p. 101).

O primeiro isolamento que se tem conhecimento, chamado popularmente de lazareto, localizava-se na rua 1, nº 8, na região central da cidade. Mais tarde, devido a avaliação de sanitaristas da capital durante a epidemia de febre amarela, esse isolamento foi fechado e, em seguida, abriu-se outro localizado na Vila de São Geraldo, hoje bairro São Geraldo, que na época era considerado uma área suburbana. Observa-se, também, que a área onde hoje é o Cemitério das Cruzes, já havia sido usada para o enterramento dos mortos contaminados pela varíola.

Além da varíola, em 1895 e 1896 houve a epidemia de Febre Amarela, findada apenas em 1897. Porém, o início da epidemia de febre amarela no país ocorreu em tempos diferentes entre os grandes centros urbanos, geograficamente localizados no litoral brasileiro e os aglomerados interioranos. A situação epidêmica nas capitais era tão grave que, coube ao poder Imperial promulgar leis que ajustassem a conduta dos brasileiros em relação a diminuir a propagação do vírus. Em 14 de fevereiro de 1850, através do aviso nº 10 do Ministério Imperial, fez-se saber da XXVI – Legislação sobre a Febre-Amarela, que dentre todas as normas estabelecidas, reforçava a proibição dos enterramentos em templos, o que já havia sido promulgada pelo Governo Geral, em 1 de outubro de 1828. Entre todas as medidas, destacamos aqui a ordem de criação de uma comissão sanitária para cada freguesia, no artigo 8º, e a ordem de fazer o enterramento dos animais em local afastado e em covas fundas, no artigo 22, como nos traz Franco (1969). Importante observar que o avanço do modelo de urbanização, principalmente no que tange ao formato administrativo começa a entrar em choque com o padrão vigente do momento.

Influenciado pela racionalidade científica e pelas novas demandas da vida moderna, a administração eclesiástica começa a perder força em sua atuação direta. Tais leis que visavam aspectos sanitários, por exemplo, entravam em conflito com a moral cristã do enterramento sob solo sagrado, situação que promoveu em todo território uma grande resistência da população em aceitar e aderir às novas regras. Nesta nossa linha de raciocínio, entendendo a legislação vigente e os conflitos em âmbito da religião, é possível compreender os desdobramentos relatados por Pio Lourenço Corrêa sobre o momento da utilização do atual Cemitério das Cruzes para os enterramentos no período de epidemia, que traremos a seguir:

A Câmara Municipal e o Fôro fugiram espavoridos, primeiro para a fazenda do Ouro, mais tarde para a estação de Américo Brasiliense. Afastadas da cidade a sede da Comarca e do Município – aqui ficaram como representantes gerais do poder público, a Comissão Sanitária, o comandante do destacamento policial e um fiscal municipal. Nêste lance, a Comissão sanitária (Deus lhe perdoe!) mandou lacrar o portão do cemitério. Era a prisão simbólica das “miosmas mefíticos”, que escapavam dos sepulcros “contaminados”, e venham cá fora instilar o vírus do vomito negro na população. [...] O lacre vermelho do portão do cemitério determinou uma correria de todos os diabos! A Câmara Municipal [...] Correu de lá em grande afobamento, para os campos inhóspitos dalém Ribeirão das Cruzes, mandou roçar e carpir mal e mal as catingas de duas áreas separadas, [...]. É preciso explicar, ainda que com isso aumente o sofrimento dos leitores, por que razão se fizeram, de golpe, dois cemitérios em vez de um. Foi por isto: - um, que, à cautela, se devia conservar sempre fechado à visita pública e ao acompanhamento dos enterros, era destinado aos “contagiados” (classe de defuntos daninhos e perigosos); o outro seria – e foi – reservado para os defuntos comuns, humildes e inofensivos (Almeida, 1948, p. 39-40).

Até meados da década de 1890, a doença não tinha atingido as cidades do planalto do Estado, tendo uma ligeira credence que a enfermidade não subia as serras, fazendo referência às cidades litorâneas que, na época, eram os focos de contaminação. Antes desse período, ocorreram na cidade de Araraquara algumas mortes pela doença, mas tratava-se de pessoas vindas de outra região. Foi a partir de 1895 que o surto se instalou na cidade, criando um esvaziamento populacional, seja pela grande quantidade de mortos ou pela fuga para locais rurais que pudesse diminuir a possibilidade de contágio.

Mesmo com as leis que visavam a higiene urbana, que baniram os enterramentos nas igrejas desde 1828, ainda na última década daquele século, existia uma relutância, principalmente entre os munícipes endinheirados a seguir a regra, sendo evidente, nos relatos de prestação de

contas da Câmara Municipal, em resposta ao Império sobre sua adequação às novas regras sanitárias. Como podemos ver em Almeida (1948), em 1834, em uma tentativa de se adequar à lei e ao mesmo tempo agradar à moral cristã, foi construído um cemitério fora da igreja Matriz de São Bento, mas como um anexo às suas paredes. Na década de 1840, mais uma vez pressionada, a Câmara então propôs e realizou a construção de outro cemitério, dessa vez afastado da igreja, mas ainda sob seu domínio, esse localizado onde hoje funciona uma escola, a Escola Estadual Antônio Joaquim de Carvalho. Em 2011, uma reforma nesta escola evidenciou ossadas humanas provenientes de enterramentos, o que gerou um trabalho de prospecção arqueológica como nos mostra Fidalgo, Rasteiro e Rodrigues (2022). Esse cemitério funcionou até novembro de 1889 e foi desmanchado em 1895, quando já estava em funcionamento o Cemitério São Bento, que está ativo até hoje.

É esse cemitério que acompanhamos no relato trazido por Almeida (1948), indicando que teve seus portões fechados no momento agudo da transmissão do vírus. Ele deixa claro que um novo local foi destinado aos enterramentos dos corpos contagiados e, também, àquelas pessoas que não tinham condições econômicas de ter seu sepultamento em um cemitério. O espaço, pelo relato, caracteriza-se como afastado da urbe, além do Ribeirão das Cruzes, uma fronteira distante para o centro urbano, sendo considerada inóspita, ou seja, sem valor. Atentamos que em 1850, conduta parecida era destinada ao enterramento de animais, no artigo 8º, como destacamos anteriormente. Além disso, fica em aberto a segunda classe de enterros neste local: por que as pessoas comuns e desprovidas financeiramente também seriam enterradas em área tão afastada? Uma possível resposta para essa situação é que a Lei XXVI Sobre a Febre-Amarela, deixava uma brecha para os enterros que ainda aconteciam dentro dos templos: não poderiam ser em grandes quantidades. Ou seja, parece-nos que as famílias tradicionais, na situação de terem os portões do cemitério fechados, poderiam então, voltar a ser enterradas em solo sagrado. Outra questão que se apresenta como hipótese investigativa é que, a escravidão se encerrou legalmente no Brasil em 1888, e conhecendo a história racista de nosso país, sabemos que grande parte das pessoas que não teriam outra opção de enterramento para seus entes falecidos, eram as pessoas pretas. Sendo assim, torna-se uma possibilidade de que os “defuntos humildes” relatados em Almeida (1948) tratava-se de pessoas escravizadas.

Na Figura 1, podemos observar a espacialidade da cidade de Araraquara. Mesmo que em uma base de imagens atual, podemos identificar o polígono em laranja, localizando o Cemitério das

Cruzes; o polígono roxo, localizando a Igreja Matriz de São Bento; a linha azul que corta a figura, que simboliza o limite entre as sub-bacias do Ouro e do ribeirão das Cruzes e; também é possível observar o Ribeirão das Cruzes margeado pela mata ciliar (em verde) fazendo os traçados hídricos na malha urbana. Mais adiante, na Figura 2, será possível observar a malha urbana da época e, então, fazer a comparação para melhor compreensão do “além Ribeirão das Cruzes”.

No período em que a cidade foi varrida pela febre amarela, Araraquara estava em um momento de transição, como indica Corrêa (2008). A cana-de-açúcar dava lugar ao café e muitas intervenções eram realizadas na urbe. Tais alterações indicavam que a cidade estava deixando sua predominância rural e abraçando a urbanização. Em 1968, por exemplo, foi efetuada a canalização do córrego da Servidão por medidas sanitárias, já que ele cortava o núcleo urbano da época e todos temiam pela transmissão de doenças. Outro aspecto que indicava a urbanização, era também uma medida sanitária, com a construção do cemitério da cidade, chamado de São Bento. Além disso, pode-se mencionar a estação ferroviária, que inaugurada em 1885, trazia a modernidade em si, bem como a possibilidade de maior rapidez no transporte de produtos, pessoas e informações, dando um ar ainda mais urbano para a cidade.

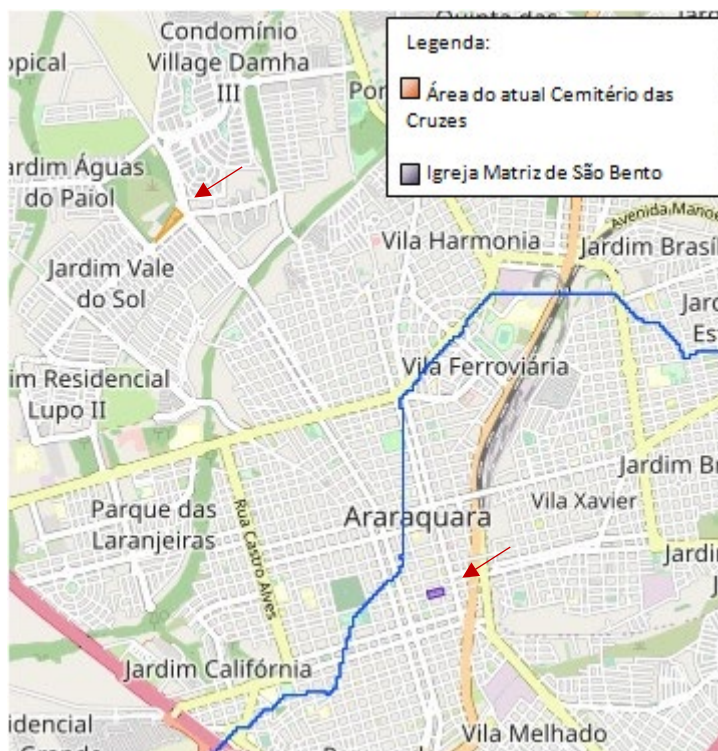


Figura 1: Sub-bacias de Araraquara – SP com destaque para a Igreja Matriz de São Bento e Cemitério das Cruzes. Fonte: Oliveira, 2023

Na figura a seguir (Figura 2), uma planta da cidade elaborada no final do século XIX, podemos observar a igreja de São Bento, hoje Matriz de São Bento, representada por uma cruz, o córrego da servidão e a malha urbana de Araraquara.

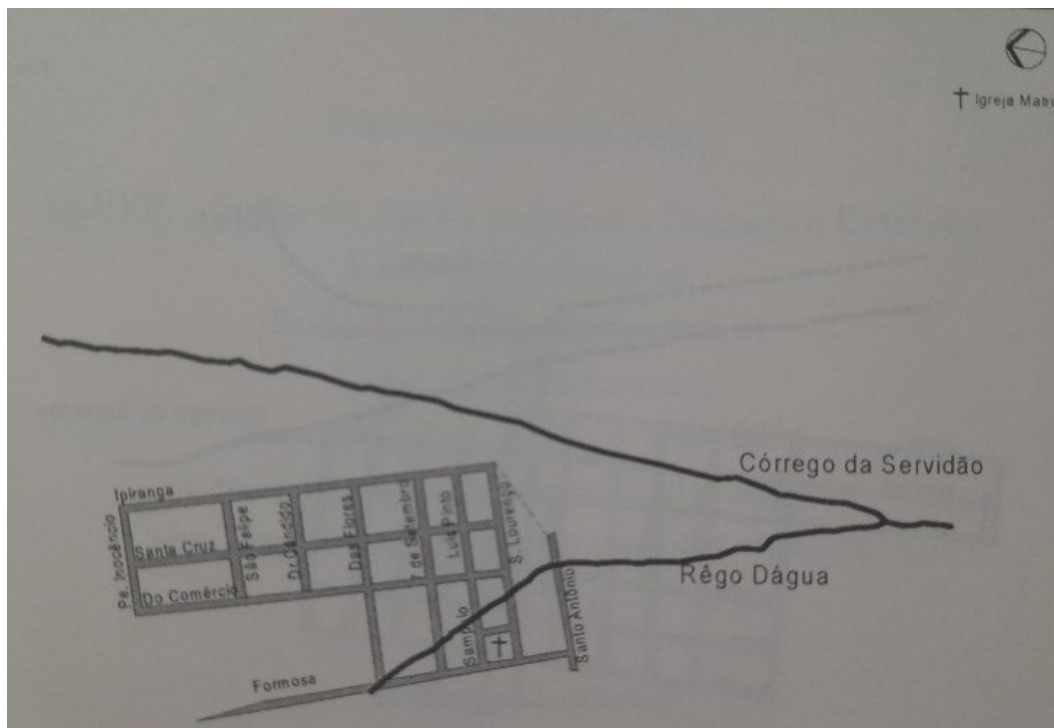


Figura 2: Planta de Araraquara em 1870. Fonte: Corrêa, 2008.

A alternância da cultura canvieira pela cafeeira, em momento concomitante com a abolição, trouxe consigo significativos e intensos processos de migração. Muitos imigrantes de origem europeia, como nos traz Corrêa (2008), principalmente italianos, vieram trabalhar nas fazendas, financiados pelo Estado e/ou pelos próprios fazendeiros, vieram cumprir um papel de branqueamento explícito do país.

Além da imigração, houve um movimento interno de migração, muitas famílias foram trazidas do Norte, segundo a regionalização do Brasil da época, para povoar e trabalhar na cidade, vide os estudos apresentados por Corrêa:

É sabido que o florescimento da lavoura do café em São Paulo provocou uma intensa migração interna. [...]. Por volta de 1890, o fazendeiro Dr. Antônio Joaquim de Carvalho mandou vir do norte, 130 famílias pagando as despesas da viagem (Corrêa, 2008, p. 119).

Outro fator que mudara muito a organização social e política da cidade, foi a Proclamação da República, em 1889. Nesse sentido, os detentores do poder econômico e político dividiram-se em dois grupos, os republicanos e os monarquistas. As opiniões políticas faziam efervescer o cenário entre as tradicionais oligarquias.

A epidemia de febre amarela já vinha diminuindo em quantidade de infectados, quando em 1897 ocorreu a última morte pelo vírus naquele momento, como nos traz Almeida:

Foi assim que Araraquara, coberta de eucaliptos e de cal, e privada das antigas privadas, do cemitério de São Bento e dos poços, viu afinal, em 1897, o último caso de febre amarela a fundir-se no cemitério de contagiados da charneca das Cruzes (Almeida, 1948, p. 40).

Aqui temos alguns elementos importantes para entender essa paisagem, nesta época: faz-se referência ao local como “cemitério dos contagiados”, até então, não encontramos um nome para o que foi o Cemitério das Cruzes antes de o ser, nenhum registro de fundação foi localizado, mesmo dentro da administração do próprio cemitério. As únicas referências que encontramos é o livro de registros mortuários, com lançamentos que se iniciam no ano de 1976; e dois compartimentos no ossuário, um indicando o falecimento em 1972 e o outro em 1967. Nota-se também que em mais de um momento, nesse relato de Pio Lourenço Corrêa, transcrito por Almeida (1948), é citado o local onde, a priori, na epidemia de febre amarela, foram sepultados os de menor poder aquisitivo e os corpos contaminados, como “charneca” ou “catinga”. No contexto, a charneca refere-se a local árido, com pouca vegetação e quando as têm, são vegetações apropriadas à escassez de água. Catinga provavelmente deve estar se referindo ao bioma Caatinga que, assim como o termo anterior, refere-se a um local com baixa umidade, poucos elementos de flora, que quando aparecem, mostram-se adaptados, como por exemplo as plantas xerófitas. Sabemos que a região de Araraquara é muito próspera em termos hídricos, dentro dos limites municipais estão presentes diversas sub-bacias hidrográficas, sendo duas bacias, uma quase fora dos limites da cidade, pertencente ao rio Mogi-Guaçu (afluente do Rio Pardo), e a outra bacia, essa compreendendo a maior parte do território de Araraquara, pertencente ao rio Jacaré-Guaçu (afluente do Tietê), como podemos ver na figura a seguir (Figura 3).

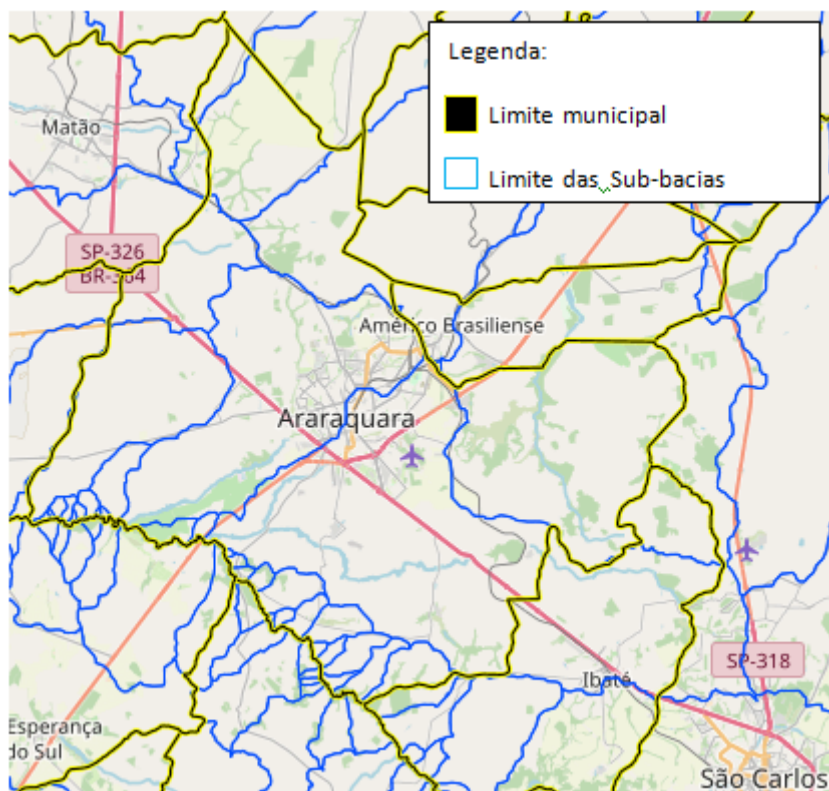


Figura 3: Limite municipal de Araraquara - SP com suas Sub-bacias Hidrográficas. Fonte: Oliveira, 2023.

Neste sentido, sabendo do qualitativo hídrico da região e que o local é uma zona de transição entre os biomas Cerrados e Mata Atlântica, fica sugestivo, que as falas eram feitas de forma pejorativa, ou que não se conhecia o valor daquelas terras.

Assim começamos a entender o contexto histórico, político, geográfico e social que deu início a paisagem do que hoje conhecemos como Cemitério das Cruzes. É válido ressaltar que, obviamente, o local onde hoje é o Cemitério das Cruzes, teve, anteriormente, outro significado, provavelmente para outras sociedades que viviam por padrões diferentes da cultura ocidental. Só para exemplificar a importância de fazer esses parênteses aqui é que, muito próximo ao Cemitério das Cruzes, existe um bairro chamado Igaçaba. Os moradores daquela região relatam que durante o processo de construção de suas casas, era comum encontrar ossadas humanas. Essas informações são importantes do ponto de vista arqueológico, apesar de não serem aprofundadas neste momento, pois podem indicar a presença de um cemitério indígena, justamente pelo nome que popularmente se atribuiu ao bairro e por sua proximidade ao recurso hídrico. Outra possibilidade investigativa é que as ossadas encontradas pelos moradores do bairro Igaçaba fossem provenientes do primeiro enterramento no “Além das Cruzes”, os

enterramentos da epidemia de varíola que, pela memória popular, apontam essa área como antigo cemitério. Nessa hipótese, o nome Igaçaba vem do imaginário popular em projetar na região de um antigo cemitério, algo vindo de outra população, no caso, a população indígena. Ainda mais sabendo que já se conhecia popularmente a região como um local distante da cidade, de modo de vida diferenciado e sem qualidades para os costumes urbanos.

Cemitério das Cruzes em 1897

Já no final do século XIX, amenizada as preocupações de cunho sanitário e epidemiológico, as disputas ideológicas começam a ganhar corpo significativo. Naquele ano, Araraquara viveu o seu mais violento episódio. Tal fato, que tornou a cidade conhecida por “Linhaquara”, iniciou no final de janeiro de 1897 quando o coronel Carvalho, ao avistar Rosendo Brito encaminhando-se à botica onde seu tio trabalhava, decidiu ir até o local confrontá-lo. Segundo Telarolli (1997), coronel Carvalho estava no topo da hierarquia local, representando os republicanos e tinha se enfurecido com alguns comentários que Rosendo fez em jornal local. A oposição da cidade realizava críticas direcionadas aos seus excessos do uso do poder. No encontro com o coronel, Rosendo acabou tomando vários golpes na cabeça, chegando a abrir a pele, como nos traz França (2015b). Em legítima defesa, Rosendo atirou e acabou matando o coronel Carvalho (Figura 4).



Figura 4: Coronel Antonio Joaquim de Carvalho. Fonte: França, 1915.

Na sequência, tio e sobrinho foram presos e começaram a sofrer maus-tratos na cidade, como indica Telarolli (1997), todos já percebiam e comentavam que os correligionários de Carvalho se articulavam. Foi na noite após a missa de sétimo dia do falecimento do coronel Carvalho que o plano dos correligionários de Carvalho, liderados pelo seu filho, foi colocado em prática, como nos traz Oliveira:

Retiraram Rosendo e Manoel de sua cela, aos golpes de cassetete e facão. Do lado de fora, foram alvejados e esfaqueados inúmeras vezes, provando que não se tratava apenas da morte, mas era necessário o sofrimento e humilhação. A guarda local, devidamente articulada no ato, não se opôs em defender a cadeia e seus presos a mando de seu líder, como nos traz Telarolli (1997). No dia seguinte, foram enterrados em um local afastado da cidade, no que hoje conhecemos como Cemitério das Cruzes, ao contrário do coronel Carvalho, tendo em vista que seus restos mortais foram sepultados em área privilegiada, tanto pelo cemitério se encontrar muito próximo ao núcleo urbano, quanto pela própria localização do túmulo dentro do cemitério, já que está logo na entrada (Oliveira, 2023, p. 40).

A seguir, podemos ver uma fotografia de 1897 (Figura 5), da frente da cadeia municipal da época, para nos ajudar a construir o contexto da época. Trata-se da cadeia que abrigou Rosendo e seu tio antes do “linchamento”. Localizava-se em frente à igreja Matriz de São Bento. As pessoas que estão presentes na foto, além de não estarem identificadas no arquivo fotográfico, não estão relacionadas com a pesquisa.

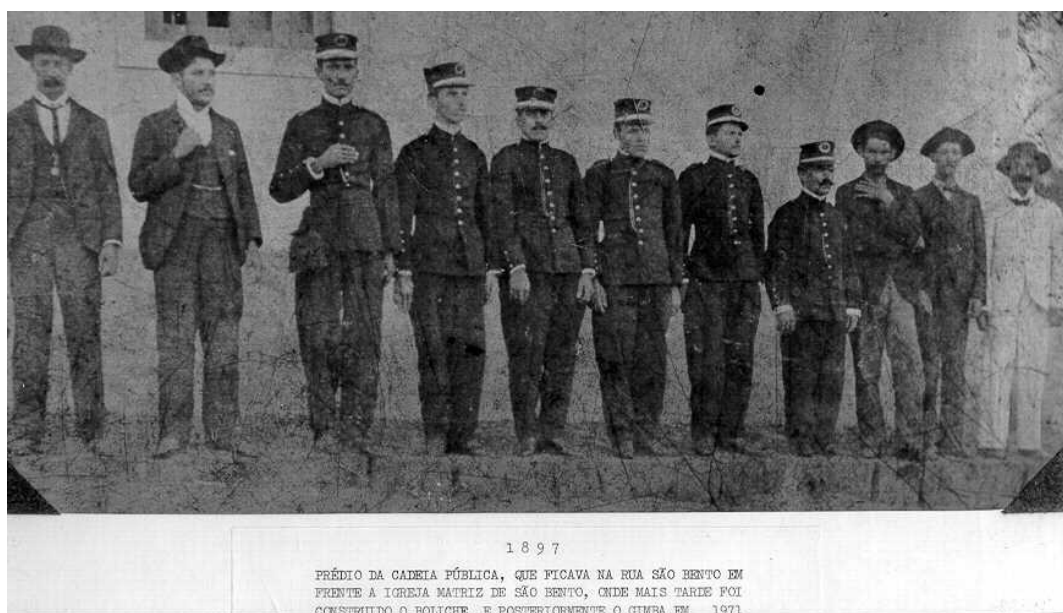


Figura 5: Frente da cadeia municipal em 1897. Fonte: Lopes, 1999.

Após o brutal assassinato de Rosendo e Manoel Brito, bem como da suposta tentativa de linchamento, o padre Antônio Cesarino viu as atrocidades que tinham sido cometidas no largo da igreja. Através dos restos mortuários de Rosendo e seu tio, Cesarino rogou uma praga na cidade, como podemos ver em Françaço:

[...] o padre Antonio Cesarino, em meio á população que circundava os corpos, roga uma praga, afirmando que Araraquara não teria progresso por 100 anos, e que, do ódio daquele linchamento, gera-se o gérmem de uma serpente que viveria embaixo do prédio da matriz. E que, se Araraquara um dia terminasse a reforma da Igreja, a serpente sairia à luz com o objetivo de destruir a cidade (Françoso, 2015a, p. 64-65).

Pouco sabemos sobre a vida do Padre Antônio Cesarino, era italiano e nasceu em 1855. Aos 14 anos decidiu seguir carreira eclesiástica, no entanto, pouco tempo depois se alistou no exército. Mais de um ano após seu alistamento, teve a dispensa dos serviços militares para poder voltar a ser seminarista. Veio para o Brasil em 1885 e aqui ficou até 1911, quando decidiu regressar para Itália, falecendo em 1913. Contudo, como é relatado na biografia de varões no álbum de Araraquara de França (1915, p. 10), era muito querido e “sua passagem ficou como um traço de luz e bondade” (Figura 6).



Figura 6: Padre Antônio Cesarino. Fonte: França, 1915.

A cidade que há pouco tempo tinha passado por uma epidemia, onde além dos numerosos falecimentos, experimentou um esvaziamento pelo fato das pessoas fugirem das áreas urbanas para se proteger da possibilidade de contágio, vivendo mais uma onda assombrosa. O caso foi noticiado em jornais de porte nacional, a população vivia temerosa com o fato.

Mesmo depois da morte, Rosendo e Manuel ainda não ficaram imunes à vingança do grupo de Carvalho. Foram sepultados em uma área extremamente afastada do cotidiano da cidade, provando que não bastava que eles morressem, nem que morressem com requintes de crueldade. Suas memórias tinham que ser esquecidas e a população só lembraria se fosse para servir de exemplo de como deveriam se comportar em Araraquara.

Na sequência, uma imagem que apresenta o filho do coronel Carvalho como membro do diretório do Partido Republicano (Figura 7). Da esquerda para a direita, na linha superior: Antônio Joaquim de Carvalho Filho, Carlos Baptista de Magalhães, Dr. José Trajano Marcondes Machado. E da esquerda para a direita, na linha inferior: Cel. Antônio de Toledo Piza, Cel. Antônio de Souza Mendes, Cel. José Xavier de Mendonça.



Figura 7: Partido Republicano. Fonte: França, 1915.

Por mais que não tenha sido proferido essas palavras pelos correligionários, pelos atos, fica evidente essa intenção. Como vimos anteriormente, o local do enterramento era o cemitério de

contagiados, naquelas terras de pouco valor, aparentemente. Seus familiares pagavam ainda mais, pois até para prestar suas homenagens fúnebres, não seria fácil.

É neste momento que a revolta popular pelos absurdos cometidos contra a vida de Rosendo e Manoel e embebedos pelo mito do mau e a serpente, construído por Cesarino, que a população deu aos Brito sua confiança e o cargo de milagreiros, através das peregrinações que, segundo Françaoso (2015a), ocorriam em pedidos e agradecimentos aos Brito. A revolta contra os abusos hierárquicos foi canalizada para a devoção de Rosendo e Manoel. Entendendo-os como sofrendores e injustiçados, as pessoas se identificaram e rezam por eles por gratidão, para pedir apoio e ajuda etc.

Aqui começa a construção de uma memória popular que, cada vez mais, trazendo para os dias de hoje, empoderam os Brito, enquanto para o grupo político de Carvalho, além dos imponentes jazigos e suas heranças carregadas em gerações, o senso comum só os reconhecem como os personagens maus da história de Araraquara, sem nenhum medo ou efeito do seu poder de outrora.

A seguir, podemos observar a imagem de Rosendo e Manoel de Brito, a mesma imagem que está presente na capela de São Manoel (Capela das Almas) e da Casa dos Milagres, dentro do complexo Santuário dos Brito (Figura 8).



Figura 8: Rosendo e Manoel Brito. Fonte: Françaoso, 2015b

A paisagem do cemitério dos contagiados, ou de como conhecemos hoje, Cemitério das Cruzes, neste momento é um misto de diversos sofreres, seja daqueles apartados das honrarias da cidade, que não tinham outra opção a não ser o sepultamento em local de falta de valor social, ou então, o sofrimento intenso e duradouro da epidemia de febre amarela, que perdurou por muito tempo assolando a população, ou ainda, pela marca do terror e maldade plantado como semente naquele solo, tão desvalorizado com o enterramento do Brito. Mas além dos sofrimentos evidentes, no contexto dessa paisagem, existe também um broto de esperança e transformação com as visitas e peregrinações aos Brito.

Cemitério das Cruzes no século XXI

Aquela semente de transformações, esperança e benesses plantadas outrora, proporcionaram a paisagem que vemos hoje no Cemitério das Cruzes. A devoção gerada pela insatisfação dos munícipes foi trazida e construída na memória popular, chegando, nos dias de hoje, a transformar o espaço anterior. A antiga região inóspita do além Ribeirão das Cruzes, agora faz parte do arcabouço cultural e turístico da cidade, o cemitério por si é um elemento histórico de grande importância, já que ali foi área de sepultamento de pelo menos duas epidemias, mas, além disso, temos também o sepultamento dos Brito.

Em 1945, foi feito um abaixo-assinado e encaminhado ao prefeito da época. A solicitação era de construção de uma capela em homenagem aos Brito. Hoje, podemos observar a solicitação, apresentada em placa (Figura 9). Mas o início da construção se fez algum tempo depois, sendo que a finalização se deu em 1952 (Figura 10).

Devemos dizer que agora sim, oficialmente tal espaço é reconhecido como um cemitério formal. Há diversos sepultamentos, públicos e privados, com uma administração municipal que garante todos os requisitos básicos para um cemitério. Outra mudança nessa paisagem é que agora, as terras do “além Ribeirão das Cruzes” não são mais tão além, como podemos ver na Figura 11.

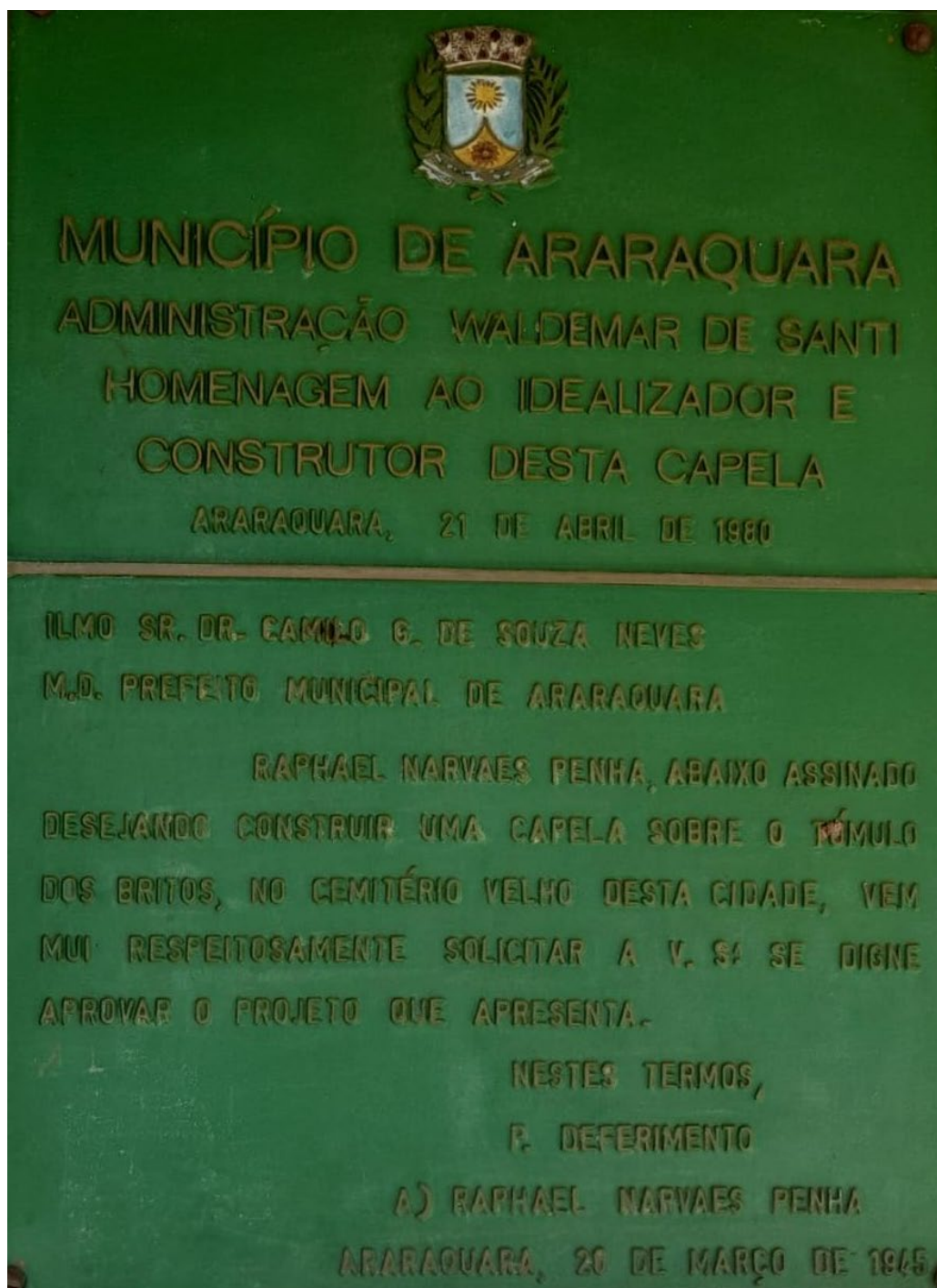
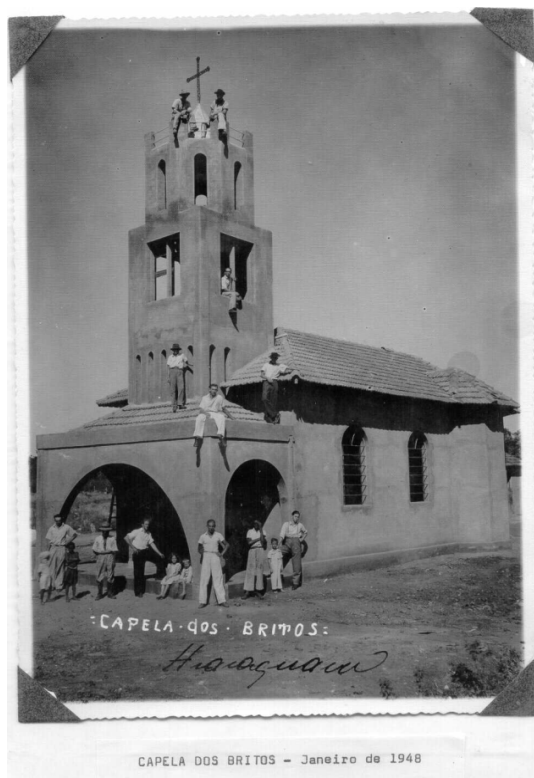


Figura 9: Placa de apresentação do abaixo-assinado solicitando a construção da Capela das Almas. Fonte: Oliveira, 2023.

A B



A



B

Figura 10: A. Construção da capela de São Manoel (1948) e B. Missa de Inauguração da capela de São Manoel (1952). Fonte: Lopes, E. L. V. 1999.



Figura 11: Vista da frente do Cemitério das Cruzes. Fonte: Oliveira, 2023.

A região é altamente urbanizada com vias pavimentadas, áreas comerciais, áreas residenciais com a presença de condomínios fechados e aparelhos públicos. O rio está repleto de pontes e vias paralelas que permitem a dinamização do deslocamento. Em muitos momentos, ele é até esquecido como elemento da paisagem. Uma coisa que não mudou foi a devoção da população pelos Brito. Inclusive, agora que oficialmente nossa paisagem chama-se Cemitério das Cruzes, ela é mais conhecida como Cemitério dos Brito.

A paisagem que encontramos ao nos aproximar do cemitério é rica em elementos, já na entrada podemos ver as cruzes rentes ao chão e coloração branca. São cruzes simples, bem parecidas com aquelas deixadas nas beiras de estrada, aparentando quase que uma “improvisação”. Se pensarmos nas origens do cemitério, podemos concluir que as singelas cruzes representam a intenção do século XIX, de tratar aquela área como sem valor, onde se enterrava corpos sem valores. Ainda mais que na parte paga do cemitério, os ornamentos dos túmulos são diferentes, como podemos ver nas imagens a seguir (Figura 12).



Figura 12: Cemitério das Cruzes: enterramentos públicos e particulares. Fonte: Oliveira, P. 2022.

Após entrar no cemitério, logo do lado direito, é possível ver a capela de São Manoel (Figura 15). Ela foi construída através da vontade popular para homenagear os Brito, tamanha a importância deles para a população e a devoção dos munícipes.

Na parte interna da capela (Figura 13), podemos avistar no final de sua extensão um altar de pedras bem ao centro, alinhado com a porta de entrada da igreja. Este altar foi erguido em cima do túmulo dos Brito.



Figura 13: Vista da frente da capela de São Manoel e vista interna da capela. Fonte: Oliveira, 2022.

Percorrendo em linha reta a entrada do portão principal por mais alguns passos, é possível observar, também do lado direito, a Casa dos Milagres, praticamente atrás da capela. A Casa dos Milagres também foi construída como forma de agradecimento às graças alcançadas por Oscar Tirola, em homenagem aos Brito. A casa é simples e de alvenaria, os materiais que ficam lá dentro são organizados e limpos com certa frequência. Muitas são as fotos fixadas nas paredes, mensagens escritas em pedidos e agradecimentos, próteses, imagens de santos e tantos outros itens que dialoguem com os desejos e esperanças dos fiéis. Transcrevemos aqui uma das mensagens deixadas nas paredes (Figura 14): “Meus gloriosos irmãos Britos, que possa encontrar um emprego digno e onesto. Registrado logo e a saúde de minha esposa, da depressão e da coluna. Eu le peço ajudar. Ela ter a casa sempre quer”.

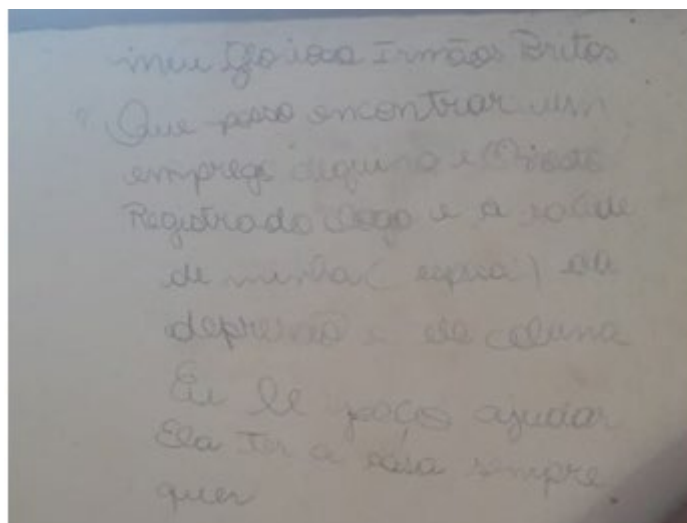


Figura 14: Registro escrito, nas paredes da Casa dos Milagres, de pedidos aos Brito. Fonte: Oliveira, 2022.

Na sequência, nas Figura 15, 16, 17, podemos observar a aparência externa e interna da Casa dos Milagres.



Figura 15: Casa dos Milagres dos Britos vista externa. Fonte: Oliveira, 2022.



Figura 16: Casa dos Milagres placa de identificação da construção. Fonte: Oliveira, 2023

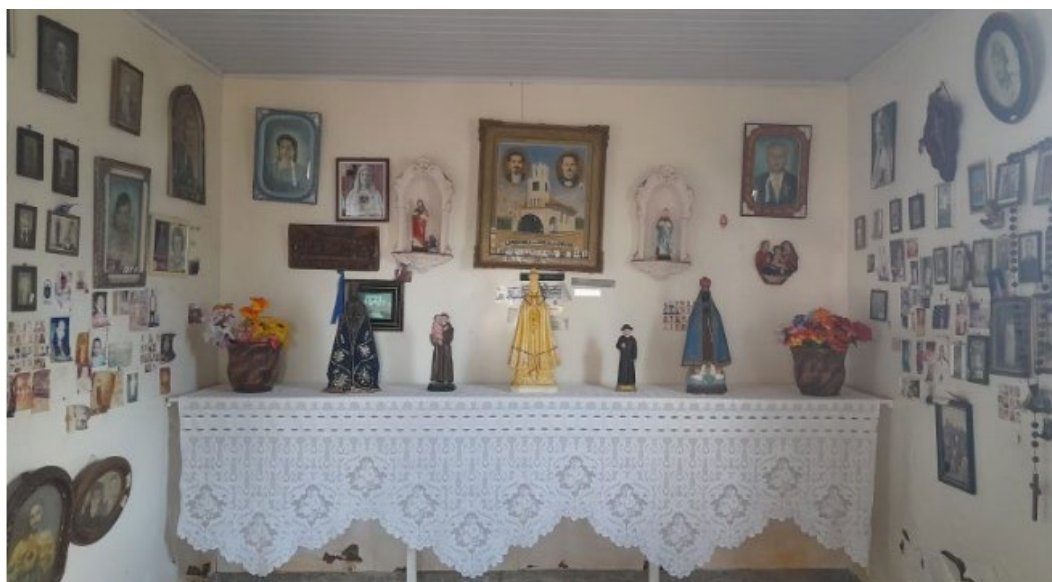


Figura 17: Casa dos Milagres dos Britos vista interna. Fonte: Oliveira, 2022.

No Dia de Finados, o cemitério fica repleto de visitantes (Figura 18), e muitos vão somente para cumprir sua devoção de homenagear os Brito, fato que nos aponta a significância do evento do

“linchamento” dos Brito do ponto de vista social e espacial, tendo em vista o rearranjo urbano daquela localidade.



Figura 18: Entrada do Cemitério das Cruzes no Dia de Finados (2022). Fonte: Oliveira, 2022.

Neste momento, mais do que pelos relatos e estudos em livros, podemos entender essa paisagem a partir das fotografias, percebendo que os elementos ali dispostos caracterizam determinadas práticas. As questões geradas a partir de tais práticas, são as tramas do contexto que tentamos entender. As paisagens se alteram com regularidade, mas esta em específico diz respeito a história de Araraquara de forma intensa. Neste momento, a paisagem está repleta de materialidades que caracterizam as práticas de fé e devoção do agora, baseadas em um acontecimento trágico do passado.

A paisagem, o espaço e o lugar no Cemitério das Cruzes

A partir de agora, que já fizemos a inserção das informações necessárias para compreender o contexto local, vamos apresentar algumas compreensões dessas transformações de um ponto de vista teórico.

A Paisagem da região do Cemitério das Cruzes em uma perspectiva histórica

Aqui apresentamos a Paisagem que hoje conhecemos por Cemitério das Cruzes em 3 períodos diferentes: até 1895, quando era um local desprovido de construções humanas, provavelmente mal visto pelos moradores da cidade justamente por ser algo exógeno, inclusive pertencendo a sub-bacia de um rio que não fornecia recursos para a Araraquara da época; em 1897, quando durante a epidemia de febre amarela, que matou cerca de 20% dos moradores, o local foi intensamente utilizado para enterramentos e que depois do terrível episódio do “linchamento”, foram ali sepultados os Brito e; no século XXI, onde as práticas religiosas e místicas dos devotos dos Brito tornaram o local que outrora foi visto com pouco ou nenhum valor, uma referência de fé na cidade.

Neste sentido, a paisagem ou as paisagens que trabalhamos aqui, se constituem como uma fonte arqueológica, já que seus elementos materiais são passíveis de indicar uma dinâmica humana pretérita. Eles nos permitem e instigam a busca pela história de Araraquara.

Entendemos que a paisagem se constitui como um recorte dentro do Espaço, onde os objetos e ações articulam-se entre si e na perspectiva de um determinado indivíduo e em determinado momento. Acreditamos que ela é o conjunto das partes materiais e imateriais do contexto humano, materializadas e imaterializadas no espaço de forma que, além de exprimir os elementos físicos e de ordem subjetiva, exprime também a variação temporal que a compõe, a partir de suas marcas na paisagem, direta ou indiretamente, explícita ou que necessite ser desvendada. Para Berque (2012), a paisagem se constitui como marca, pois carrega as expressões da sociedade que a habita e, também, como matriz, pois produz as ideias que circulam dentro da paisagem, como podemos observar no trecho a seguir:

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem de seu ecúmeno (Berque 2012, p. 239).

Sendo assim, a Paisagem do Cemitério das Cruzes está permeada de rugosidades³, formas do passado que permanecem e interagem com os elementos atuais. É através desta peculiaridade tempo-espacial que esta paisagem induz aos dispostos, à compreensão econômica, política, social, ambiental, entre outras, que concretizavam e concretizam as transformações relatadas aqui, desde a segunda metade do século XIX, passando pelas diversas epidemias, “linchamento” do Brito, até chegar nas manifestações da crença religiosa que se estende até os dias atuais.

Sobre as rugosidades que aparecem na paisagem no Cemitério das Cruzes nos dias de hoje, é possível ver dois túmulos, além dos Brito, que são remanescentes dos enterramentos feitos entre o ano de 1895 a 1897 (Figuras 19). Durante o passar dos anos, eles foram revitalizados em busca de salvaguardar sua existência.



Figura 19: Túmulo remanescente entre a capela de São Manoel e a Casa dos Milagres e vista do túmulo remanescente embaixo da árvore. Fonte: Oliveira, 2023.

A paisagem, segundo Cosgrove (1998, p. 222), é “como uma expressão humana intencional composta de muitas camadas de significados, ou seja, a paisagem está repleta de simbolismos e expressões culturais. Isto porque a paisagem e seus significados simbólicos são produtos da “apropriação e da transformação do meio ambiente pelo homem” (Cosgrove, 1998, p. 228). O

³ Segundo Santos (1986), rugosidades são formas do Espaço que, ainda no presente, são testemunhos de ações humanas pretéritas.

simbolismo, segundo ele, é uma linguagem que imprime nas paisagens as normas culturais e os valores sociais dominantes daquele local e época. Sendo assim, ele divide a paisagem simbólica em “paisagens da cultura dominante”, cujos símbolos exprimem as normativas dos grupos político e economicamente dominantes; e “paisagens alternativas”, que podem ser residuais, emergentes ou excluídas.

A paisagem, portanto, como uma expressão cultural, irá propagar de forma hegemônica, ou talvez relativamente impositiva enquanto articulação política consciente, as leis e regras do grupo dominante politicamente, economicamente e ideologicamente. Como é o caso da paisagem do cemitério dos contagiados, que por muito tempo, ainda mais depois do enterramento dos Brito, serviu para demonstrar as práticas de administração pública, bem como as ideologias vigentes e, de forma mais emblemática, serviu para calar as vozes politicamente contrárias ao poder local, fomentando o sofrimento eterno para os Brito. Para Cosgrove (1998, p. 231), “em sociedades de classe, exatamente como o excedente é concentrado socialmente, assim o é espacialmente”.

No que tange às paisagens alternativas de Cosgrove (1998), ele as divide em residuais, emergentes e excluídas e considera que as culturas alternativas são menos visíveis nas paisagens em relação às culturas dominantes. As paisagens residuais, para ele, são baseadas na apresentação de elementos que não mais mantêm seu significado original, representam uma pista científica “para a reconstrução de antigas geografias” (Cosgrove, 1998, p. 233). Neste sentido, o Cemitério das Cruzes de hoje se constitui como uma paisagem residual que nos permite questionar sobre o passado.

As práticas funerárias no Cemitério das Cruzes

A Arqueologia Funerária se propõe a aprofundar seus estudos sobre a morte a partir do estabelecimento ritualístico de práticas funerárias, sejam eles de qualquer formato, tempo e espaço. Para Oliveira (2018), a Arqueologia Funerária se diferencia da Arqueologia da Morte e se define da seguinte forma:

Uma Arqueologia funerária, porção específica da Arqueologia da Morte, apresenta objetivos focados nos remanescentes de práticas funerárias associadas a ciclos funerários específicos, onde a simbologização dos objetos e do corpo demandam rituais de passagem ligados ao fenômeno

da morte, em seus variados aspectos (a morte natural, morte violenta, morte por doença, a morte por suicídio, a boa morte, entre outros). Cemitérios e campos de extermínio e ocultação de cadáveres, simultaneamente, por exemplo, são objetos de estudo da ampla Arqueologia da Morte, enquanto a Arqueologia funerária se ocupa exclusivamente dos cemitérios e seus correlatos não ocidentais (Oliveira, 2018, p. 9).

Oliveira (2018), baseada em Saxe e Binford, traz a ideia de que as práticas e ritos da morte são reflexos da organização social, ou seja, através das evidências referentes aos ritos, ornamentos, organização dos restos mortuários, podemos inferir sobre o funcionamento de uma determinada sociedade.

Neste caso, o espaço funerário nos permite observar marcas do passado e, juntamente com seu contexto histórico e socioespacial, entender as práticas mortuárias ao longo do século XIX e XX como um desdobramento das esferas culturais, políticas e religiosas. Os significados e ressignificados dos espaços mortuários são fruto das dinâmicas sociais que se entrelaçaram ao longo dos anos, deixando suas marcas na paisagem.

São nos espaços cemiteriais onde se encontram não somente aspectos físicos e simbólicos aptos a serem estudados pela Arqueologia Funerária, mas locais nos quais a memória está ali presente, em cada componente agregado ao ambiente e por vezes em seu entorno, a qual possui sua relevância no que tange a compreensão da instituição do lugar. E esse conjunto de elementos nos fornece subsídios para compreender o papel daquele espaço fúnebre, dos agentes e das práticas a ele envolvidas, no tempo de sua ocupação e porventura, de possíveis ressignificações do lugar (Ferreira e Silva, 2021, p. 58-59).

É a partir dessas camadas de paisagens diversas em um mesmo local ao longo do tempo que se apresentam as práticas sociais que, neste caso, são práticas funerárias que permitem a identificação do Cemitério das Cruzes como Espaço e, também, como Lugar.

O Cemitério das Cruzes enquanto Espaço

É no Espaço que analisamos todas as relações e produções humanas. Como traz Milton Santos (2011), o Espaço é um “conjunto de sistemas de objetos e sistemas de ações”, sendo o sistema de objetos os elementos, naturais ou não, presentes em cada local e o sistema de ações, a relação humana que cria, se apropria e dá sentido aos objetos, como podemos ver a seguir:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá (Santos, 2011, p. 63).

Sendo assim, o Espaço que foi local de pouco valor, mais tarde de enterramentos em desespero pandêmico e hoje é o Cemitério das Cruzes, carrega em si os resquícios de uma Araraquara do passado, onde se apresentam, ainda que indiretamente, as disputas políticas e ideológicas, a evolução da urbe e do modelado urbanístico, as fases históricas da religião católica aplicadas na cidade, a visão sanitária e epidemiológica que se manifestou e, por fim, a espacialidade das lendas que se originaram e, ainda hoje, são cultivados através da memória popular.

Especificamente em nosso caso, estamos tratando de um espaço predominantemente relacionado com o enterramento de seres humanos. A arqueologia, entre outras áreas do conhecimento, conceitua locais assim como espaço funerário, pois é nele que são realizadas as práticas típicas de cada época e de cada cultura para homenagear seus entes que morreram. Neste caso, o espaço funerário, nos permite retomar um passado recente, violento e carregado de fé, que traz em si elementos da memória coletiva.

São nos espaços cemiteriais onde se encontram não somente aspectos físicos e simbólicos aptos a serem estudados pela Arqueologia Funerária, mas locais nos quais a memória está ali presente, em cada componente agregado ao ambiente e por vezes em seu entorno, a qual possui sua relevância no que tange a compreensão da instituição do lugar. E esse conjunto de elementos nos fornece subsídios para compreender o papel daquele espaço fúnebre, dos agentes e das práticas a ele envolvidas, no tempo de sua ocupação e porventura, de possíveis ressignificações do lugar (Ferreira e Silva, 2021, p. 58-59).

A memória coletiva sobre o “linchamento” dos Brito, que é constantemente construída pelos araraquarenses e que também é um produto de seu autorreconhecimento, uma vez que esse acontecido tem relevância na história da cidade, produzem um novo significado para o espaço funerário, esse que por sua vez, se torna um espaço sagrado.

Para Castro (2010), a memória está diretamente ligada à identidade coletiva e individual e está entrelaçada, promovendo a representação da realidade em diferentes tempos e espaços. Para ela, “a estrutura funerária é de um contexto que salvaguarda a memória social do morto [...] preservou o seu status, o seu lugar, as suas identidades, como também, sua representação, mais especificamente a coletiva.” (Castro, 2010, p. 144)

Sendo assim, diante da cultural material apresentada no espaço funerário do Cemitério dos Brito e também nas fontes bibliográficas, podemos buscar a dinâmica, seja dos fatos ou das lendas, que nos proporcione a compreensão os desdobramentos passados, que ainda permanecem na memória popular e que indicam parte das transformações que observamos na paisagem do cemitério.

Cemitério dos Brito: lugar de devoção.

O Lugar é a porção espacial que nos traz segurança, identidade, afinidade e pertencimento, segundo Tuan:

O lugar compreende uma porção do espaço onde temos a sensação de pertencimento, onde aglutinamos nossas crenças, factuais ou místicas. Trata-se de um ambiente onde os elementos que estão ali, compondo-o, nos ativam a memória e, por consequência, nosso sentimento, afinal, “os lugares são centros aos quais atribuímos valor” (Tuan, 1983, p. 4).

O Lugar, segundo Tuan, quando analisado enquanto um espaço mítico, não se pode facilmente ser aprovado ou negado, pois a ele estão relacionadas às experiências individuais. Os espaços míticos seguem duas linhas de manifestação, o primeiro ligado às vivências cotidianas e familiares; e o segundo está ligado à nossa visão de mundo e/ou nossas crenças cosmológicas. Sobre o espaço mítico, Tuan diz:

Organiza as forças da natureza e da sociedade associando-as com localidades ou lugares significantes dentro do sistema espacial. Tenta tornar compreensível o universo através da classificação de seus elementos e sugerindo que existem influências mútuas entre eles. Atribui personalidade ao espaço, conseqüentemente transformando o espaço em lugar (Tuan, 1983, p. 103).

O Lugar, neste trabalho, tem peculiar destaque, pois é a partir do vínculo que se cria entre a população e o espaço mortuário dos Brito, ou seja, essa relação de afetividade, confiança e intimidade que o caracterizam como um Lugar, que o Espaço se transforma, dando outro sentido e, até mesmo, poder, ainda que sobrenatural, aos Brito. As práticas religiosas que se desenvolvem neste espaço mortuário, que acabam por caracterizá-lo em Lugar, são a chave de transformação e ressignificação do espaço. A paisagem que vimos aqui em seus três tempos, só teve uma conotação positiva em seu último período, isso graças a religiosidade aplicada, que gerou vínculos significativos com os devotos.

Considerações Finais

As sobreposições de entendimentos e ações aplicadas no Espaço que hoje conhecemos como Cemitério das Cruzes proporcionou a construção de diferentes Paisagens com o passar do tempo, todas munidas de materiais e simbolismo que revelam as estruturas de outrora. Mas é a partir da condição de milagreiros, que as ações naquele espaço mortuário, aos poucos, pela quantidade de devotos e pela intensidade da crença, que o Cemitério das Cruzes se torna um Lugar para os vivos que depositam suas crenças nos Brito. As marcas dessa transformação podem ser vistas em coisas simples como uma mensagem escrita a lápis ou uma foto colocada na Casa dos Milagres; ou grandiosas, como a própria doação para a construção das Casa dos Milagres ou o movimento popular para a construção da Capela das Almas. Apesar das mudanças nas paisagens serem consequências naturais do nosso modo de vida e até mesmo do desenvolvimento da natureza, a mudança de valor, entre uma paisagem malvista para uma paisagem símbolo da religiosidade da cidade e um elemento turístico e cultural, só foi possível graças aos laços criados entre os devotos e o espaço funerário. O olhar arqueológico que foi capaz de ler entre as sobreposições de paisagens no Cemitério das Cruzes e inferir, através das práticas funerárias, as intencionalidades entre os personagens históricos e sua materialização e, conseqüentemente, valorização do espaço dentro da própria lógica urbana, quanto para a subjetividade, transforma-o em Lugar.

Referências

- ALMEIDA, N. M. 1948. Álbum de Araraquara: 1948. Araraquara.
- BERQUE, A. 2012. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos de problemática para uma geografia cultural. In: Roberto Lobato Corrêa; Zeny Rosendahl (Org.). Geografia cultural: uma antologia (1). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- CASTRO, V. M. C. 2010. O Espaço Funerário Como Lugar de Memória. *Clio. Série Arqueológica (UFPE)*, v. 25, p. 139-154.
- CORRÊA, A. M. M. 2008. Araraquara 1720 – 1930: um capítulo da história do café em São Paulo. São Paulo: Cultura Acadêmica.

- COSGROVE, D. 1998. A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: Roberto Lobato Corrêa; Zeny Rosendahl (Org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- FERREIRA, D. L., SILVA, J. A. 2021. Os anjos dormem: O cemitério dos Anjos de São Braz do Piauí sob a ótica da Arqueologia Funerária. In: Carlos Xavier Azevedo Netto, Grégoire Van Havre. De Ingá a Arqueologia Inclusiva: Novas Linguagens. João Pessoa: Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal da Paraíba, v. 3.
- FIDALGO, D.; RASTEIRO, R.; RODRIGUES, R. 2022. Práticas funerárias e remanescentes humanos de um cemitério do século XIX de Araraquara, São Paulo. Prefeitura Municipal de Araraquara, Secretaria Municipal de Cultura e Fundart:Serpente, Revista do Patrimônio de AQA. Araraquara.
- FRANÇA, A. M. 1915. Álbum de Araraquara: 1915. Araraquara.
- FRANCO, O. 1969. História da Febre-Amarela no Brasil. Ministério da saúde: Departamento Nacional de Endemias Rurais. Rio de Janeiro.
- FRANÇOSO, L. M. 2015a. A modernidade é uma serpente. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Araraquara.
- FRANÇOSO, L. M. 2015b. Linchaquara: o assassinato dos Brito. Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais (UNESP), v. 19, p.61 - 86. Araraquara.
- LOPES, E. L. V. 1999. Memória fotográfica de Araraquara: 100 anos de fotografia. Realização: Prefeitura Municipal de Araraquara. CD-ROM.
- OLIVEIRA, M. A. da S. 2018. Práticas funerárias na arqueologia – Pluralidades e patrimônio. Clio Arqueológica, v. 33, n. 2, p. 1 – 43.
- OLIVEIRA, P. de. 2023. Da Punição à Consagração: Interpretações Político-Espaciais da Trama do “Linchamento” dos Brito em Araraquara (SP) e a Resignificação do Espaço Funerário. Universidade Estadual Paulista (Unesp). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/244440>>.
- SANTOS, M. 1986. Por Uma Geografia Nova. 3ª ed. São Paulo: Hucitec.
- SANTOS, M. 2011. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 6. reim. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- TELAROLI, R. 1997. Britos: República de Sangue. Araraquara/SP: Edições Macunaíma.

TELAROLI, R. 2003. Para uma História de Araraquara (1800 – 2000). Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial.

TUAN, Y. 1983. Espaço e Lugar: a perspectiva da Experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel.